



PORTUGAL NA FAIXA E ROTA: OS CORREDORES DIGITAL E ESPACIAL¹

6 agosto 2026

A Rota da Seda Digital e a Rota da Seda Espacial são apresentadas como instrumentos para reduzir a lacuna de desenvolvimento tecnológico entre países. Porém, ambas contribuem para a internacionalização das empresas chinesas e para reforçar a projeção global da China. Este artigo analisa a emergência e evolução destes corredores, bem como o envolvimento de Portugal com ambos.

Em 2013, Xi Jinping apresentou aquela que viria a tornar-se a sua principal iniciativa política: a Iniciativa Faixa e Rota. Concebida para reforçar a conectividade entre diferentes regiões, a Faixa e Rota inicialmente permaneceu circunscrita ao desenvolvimento de infraestruturas terrestres e marítimas, complementadas por uma arquitetura composta por acordos comerciais e mecanismos de cooperação e coordenação política. A iniciativa, porém, rapidamente extravasou estes dois domínios, resultando na emergência de corredores temáticos, tais como a Rota da Seda Digital e a Rota da Seda Espacial.

Esta expansão setorial fez-se acompanhar de um alargamento geográfico da iniciativa. Embora inicialmente orientada para a Ásia-Pacífico e para as ligações euro-asiáticas, a Faixa e Rota estendeu-se à Europa, primeiro através da Europa Central e do Leste e, posteriormente, através da Europa Ocidental. É neste contexto que, em 2018, Portugal se torna membro da iniciativa ao assinar o respetivo memorando de entendimento com a China. Além de ter sido o primeiro país da Europa Ocidental a aderir à iniciativa, Portugal tem sido, desde a crise das dívidas soberanas, um dos principais recetores do investimento chinês em diversos setores, com especial destaque para o domínio tecnológico.

A tecnologia tornou-se num dos principais vetores económicos e políticos contemporâneos. Recursos tecnológicos como o 5G, a computação em nuvem, o *big data*, a inteligência artificial e os semicondutores, impulsionam a inovação e mutam a autonomia e segurança dos Estados. A tecnologia transforma-se, assim, num instrumento geoeconómico e geopolítico. É nes-

te contexto que emerge a competição entre grandes potências pelo controlo sobre a produção destas tecnologias, sobre as normas que regulam a sua utilização, e as redes através das quais circulam dados.

A Rota da Seda Digital e a Rota da Seda Espacial emergem nesta conjuntura, contribuindo para ultrapassar a lacuna de desenvolvimento tecnológico entre países, mas também para fortalecer o papel das empresas chinesas e, em última instância, o poder da China.

As novas dimensões da Faixa e Rota

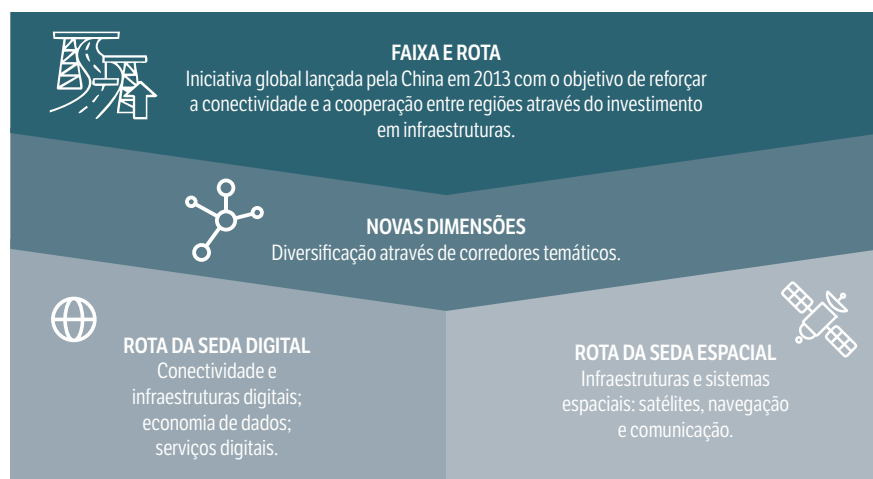
Apresentada em 2013, a Faixa e Rota comportava inicialmente dois corredores: o Corredor Económico da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima. Mediante a assinatura de memorandos de cooperação, o estabelecimento de parcerias económicas e comerciais, e a disponibilização de linhas de financiamento, a Faixa e Rota focava-se especialmente na construção de infraestruturas físicas que permitissem a conectividade logística através da terra e do mar. Porém, a partir

de 2014 e, sobretudo de 2015, o âmbito de atuação da iniciativa alargou-se. Logo em 2014, através da *International Alliance of Satellite Application Service*, foi proposta a criação de uma “Rota da Seda baseada no espaço”, o que foi bem acolhido pelo governo chinês e introduzido na estratégia nacional em 2016 (Global Times, 2015; Department of Regional Opening-up, 2016). Posteriormente, em 2015, o plano de ação da Faixa e Rota introduziu a ideia de uma “Rota da Seda da Informação” (NDRC, 2015), que viria mais tarde a tornar-se na Rota da Seda Digital.

Ambas têm-se materializado mediante o desenvolvimento de infraestruturas tecnológicas e espaciais, destinadas não só a reforçar a conectividade entre regiões, mas também a criar novas possibilidades de aplicação de conhecimentos e equipamentos tecnológicos. Enquanto a Rota da Seda Digital se centra sobretudo na expansão da conectividade e das infraestruturas digitais, através do desenvolvimento de redes terrestres e submarinas, a Rota da Seda Espacial aposta na criação e expansão

FIGURA 1. NOVAS DIMENSÕES DA INICIATIVA FAIXA E ROTA

Fonte: Elaborado pelo autor.



de capacidades, sistemas e infraestruturas espaciais (Assef, 2018; Chung, 2023). Assim, a primeira abrange áreas como as redes 5G, a inteligência artificial, o *big data*, a computação em nuvem, a computação quântica, o comércio eletrónico e os pagamentos digitais, e a segunda assenta em sistemas de informação espacial constituídos por segmentos orbitais e terrestres, como o BeiDou, que permitem ampliar as capacidades observação da Terra, comunicação por satélite, navegação, posicionamento e sincronização temporal (Assef, 2018; Chung, 2023; Hussain *et al.*, 2024; Mujtaba & Chohan, 2021). Na sua implementação, a Rota da Seda Digital depende substancialmente das empresas chinesas, como a Alibaba, a Tencent e a Huawei. Através da sua participação, não só promovem os seus produtos e serviços, como também os interesses chineses. Em específico, permitem que a China concorra com as empresas tecnológicas europeias e norte-americanas nos setores do equipamento e do *software*, ao mesmo tempo em que auxiliam na exportação da revolução digital e do modelo de governação digital chinês, bem como dos padrões tecnológicos chineses (Ahmed & Lambert, 2022; Hussain *et al.*, 2024). Paralelamente, o facto de as empresas chinesas estarem obrigadas a colaborar com o governo chinês em matérias de segurança nacional à luz da Lei de Inteligência Nacional de 2017, levanta a possibilidade de estas recolher e partilharem com o regime chinês dados sensíveis de outros Estados. Desde os equipamentos e tecnologias de comunicação da ZTE, aos sistemas de armazenamento de dados da Huawei e Alibaba, aos sistemas de vigilância da Dahua e Hikvision, esta Rota serve de trampolim às empresas chinesas, mas também ao modelo de governação digital e aos padrões chineses, acarretando riscos à segurança e soberania nacional em contextos de dependência. Através do sistema de navegação por satélite BeiDou, a China não só propõe uma alternativa ao GPS norte-americano, como consegue reforçar as suas capacidades de inteligência militar e até aumentar a sua influência sobre outras regiões por via da criação de redes de dependência (Cheney, 2019; Ghiasy & Krishnamurthy, 2020).

CAIXA 1. A COMPETIÇÃO TECNOLÓGICA SINO-AMERICANA

Os EUA e a China assumem-se, atualmente, como os dois principais polos mundiais de inovação tecnológica. Enquanto os EUA procuram preservar a sua primazia através da manutenção da sua capacidade de inovação, a China tem realizado investimentos substanciais no desenvolvimento de soluções capazes de competir com as norte-americanas. Esta rivalidade tecnológica tornou-se um dos principais vetores da conjuntura internacional, convertendo o controlo das redes, infraestruturas e padrões tecnológicos globais num espaço de competição geopolítica.

A Rota da Seda Digital e a Rota da Seda Espacial apresentam, assim, benefícios e oportunidades para os países envolvidos, mas também riscos. Embora estas iniciativas possam fomentar o desenvolvimento de infraestruturas digitais, impulsionar o comércio eletrónico e reforçar a inovação e a competitividade, os investimentos realizados no âmbito de ambas podem servir de porta de entrada ao modelo autoritário de governação da China e ainda de cavalo de troia para o acesso a dados sensíveis (Hemmings, 2020; Hussain *et al.*, 2024; Shahbaz, 2022).

A abertura ao investimento chinês no digital

Ainda que seja membro da Faixa e Rota desde 5 de dezembro de 2018, Portugal não assinou nenhum memorando de entendimento relativo à cooperação no âmbito da Rota da Seda Digital. Tal não significa, porém, que não esteja inserido dentro deste corredor, dado serem significativos e continuados os investimentos chineses e os projetos promovidos no setor tecnológico português. Estes consistem, portanto, numa expressão da Rota da Seda Digital em território nacional.

Os avanços nas relações entre Portugal e a China no setor digital refletem a necessidade portuguesa de desenvolver as suas infraestruturas digitais e de estimular o crescimento económico.

O envolvimento de Portugal na Rota da Seda Digital torna-se particularmente evidente durante 2016. Neste ano, são assinados diversos acordos de coo-

peração entre entidades portuguesas e entidades chinesas, com destaque para o acordo entre a Huawei, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a Universidade de Évora e o Instituto do Emprego e Formação Profissional para a realização de investigação científica no domínio tecnológico, e o acordo entre a Huawei e a Portugal Telecom para o desenvolvimento de uma rede de infraestruturas tecnológicas (Portal do Governo, 2016). Já aquando da adesão à Faixa e Rota, em 2018, são assinados um acordo entre o Millennium BCP e a UnionPay para a emissão de cartões bancários com esta tecnologia de pagamento, um memorando de entendimento entre a MEO e a Huawei sobre o desenvolvimento da tecnologia 5G, bem como um de memorando relativo à implementação da Parceria Portugal-China 2030, destinada à cooperação científica e tecnológica nas áreas do espaço, clima, computação e nanociência, e um outro memorando para a criação de um laboratório de investigação nos domínios dos oceanos e do espaço (STARLab) (Portal do Governo, 2018).

A recetividade portuguesa face aos investimentos chineses foi esfriada pelas posições dos Estados Unidos da América (EUA) e da União Europeia (UE) em relação à China. Portugal foi advertido pelo então secretário de Estado Mike Pompeo a não cooperar com a Huawei na instalação das redes 5G (Lusa, 2019b), e viu-se diante das recomendações do Parlamento Europeu de a Comissão Europeia para avaliar cuidadosamente o recurso a equipamentos e tecnologias de Estados fora da UE (União Europeia, 2019). Embora o Governo português tenha inicialmente rejeitado uma postura protecionista, em 2020 os principais operadores portugueses – MEO, NOS e Vodafone – acabaram por decidir



não utilizar a tecnologia de rede 5G da Huawei (Lusa, 2019a; Rádio Renascença, 2020). Mais tarde, em 2023, o Conselho Superior de Segurança do Ciberespaço decidiu excluir empresas não europeias da instalação das redes 5G, nomeadamente a Huawei e outras empresas chinesas (Jornal Económico, 2023). Após a transição governativa, em 2024, o novo executivo veio reconhecer a manutenção deste banimento como uma questão de segurança (Reuters, 2024).

Na sequência desta conjuntura, o investimento chinês no setor tecnológico português e a abertura de Portugal a este investimento esfriou, mas não cessou. Ao nível do 5G e da inteligência artificial (IA), apesar das preocupações de segurança, verificou-se uma expansão dos serviços e produtos chineses. Os exemplos incluem a colaboração entre a Huawei, a Universidade de Aveiro e o Instituto de Telecomunicações para o estabelecimento de um laboratório dedicado ao 5G e à IA (5GAIner) (Universidade de Aveiro, 2021), e a participação da Huawei num projeto focado na aplicação industrial do 5G (Projeto Augmanity) em parceria com a Bosch, a Universidade de Aveiro e o IKEA (Dinheiro Vivo, 2021).

Ao nível do comércio eletrónico, a AliExpress, plataforma internacional do grupo Alibaba, tem consolidado progressivamente a sua presença no mercado português, tendo inclusive estabelecido parcerias com os CTT para a distribuição das encomendas realizadas durante o Dia dos Solteiros, o equivalente chinês da Black Friday, que registou, em 2019, um aumento de 40% face ao ano anterior (ECO, 2019). Por outro lado, em 2023 ocorreu a entrada da plataforma de comércio eletrónico Temu no mercado português, a qual tem também acordo com os CTT para distribuição (Xinhua, 2025), e em 2024 verificou-se a entrada da plataforma Miravia do grupo Alibaba (Jornal de Negócios, 2024). No setor dos sistemas de pagamentos digitais, a Alipay encontra-se registada no Banco de Portugal como instituição de moeda eletrónica desde 2019, mantendo-se a sua presença no mercado português, à semelhança do que acontece com a UnionPay e a WeChat Pay.

A presença da Rota da Seda Digital é também sentida nos setores dos cabos submarinos. Por exemplo, Portugal constitui um ponto de amarração do *West Africa Cable System*, que liga a África do Sul ao Reino Unido e que foi modernizado, em 2015, pela Huawei Marine Networks, recorrendo a tecnologia própria da Huawei, e em 2024, o cabo submarino *2Africa*, destinado a ligar vários Estados do oceano Índico, do Médio Oriente, do Mediterrâneo, da África Ocidental e o Reino Unido, e operado por um consórcio que inclui a Meta e a China Mobile International Limited, chegou a Carcavelos (Data Center Dynamics, 2024; Huawei, 2015).

... oportunidade para reforçar a credibilidade internacional portuguesa, não apenas através do aumento da sua capacidade de inovação, mas também do posicionamento do país como um ator relevante na exploração espacial e na governação global do espaço exterior

Os avanços nas relações entre Portugal e a China no setor digital refletem a necessidade portuguesa de desenvolver as suas infraestruturas digitais e de estimular o crescimento económico. Tendo em conta os constrangimentos decorrentes da sua condição de pequeno Estado, em particular nos domínios económico e comercial, Portugal encara a China como um parceiro capaz de contribuir para a mitigação das suas vulnerabilidades internas. Não obstante, enquanto parceiro privilegiado dos EUA e dependente de Washington como principal fonte de abrigo político, securitário e económico, Portugal tem de gerir cuidadosamente a sua relação com ambas as potências.

Portugal na Rota da Seda Espacial

A cooperação no domínio espacial apenas ganhou contornos mais visíveis

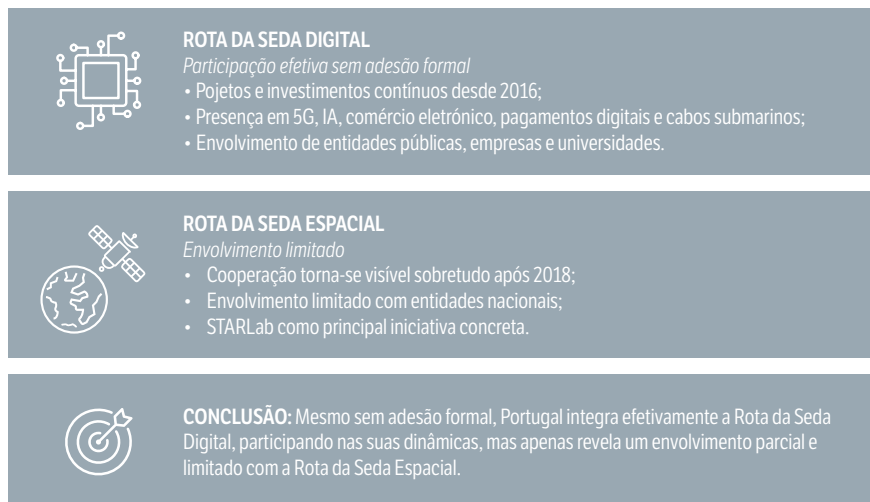
desde 2018. Contudo, se a ausência de uma adesão formal de Portugal à Rota da Seda Digital não impede que o país seja considerado parte deste corredor dada a quantidade de projetos e a continuidade observada, o mesmo não se aplica à Rota da Seda Espacial. Para além de não existir qualquer memorando de entendimento que formalize a participação portuguesa, os projetos que lhe podem ser associados, embora existentes, permanecem limitados.

Dois momentos específicos expressam a presença da Rota da Seda Espacial em Portugal. O primeiro remonta à visita de Xi Jinping, em 2018, na qual não só foi assinado o memorando de adesão à Faixa e Rota, como também um memorando relativo à Parceria China-Portugal 2030 que, entre outras áreas, elencava o domínio espacial como uma das prioridades de cooperação (Portal do Governo, 2018). Neste contexto foi, também, assinado um memorando para a criação de um centro de investigação e de desenvolvimento de microssatélites (STARLab) numa parceria entre as portuguesas TAKEVER e CEIIA (Centro de Engenharia e Desenvolvimento) e a Academia Chinesa das Ciências (Portal do Governo, 2018). Estes memorandos são o primeiro e mais significativo momento do envolvimento português na Rota da Seda Espacial, revelando o interesse de ambas as partes em desenvolver sinergias em relação ao espaço exterior. Mais recentemente, em 2021, o STARLab foi integrado na Rede de Cooperação Tecnológica da Faixa e Rota (Chinese Academy of Sciences, 2021), demonstrando a continuidade temporal desta cooperação.

O segundo momento está relacionado com os acontecimentos relativos à instalação de um porto espacial nos Açores. O interesse chinês nos Açores intensificou-se com o recuar norte-americano, ainda que nunca se tenha materializado qualquer projeto específico. Em 2014, Xi Jinping realizou uma escala estratégica no arquipélago durante uma viagem do Chile para a China, interpretada como uma demonstração de interesse pela Base das Lajes (Expresso, 2014). Em setembro de 2016, o primeiro-ministro chinês realizou uma “escala técnica” nos Açores, num momento em que os EUA reduziam a sua presença nas Lajes (Jornal de Notícias, 2016).

FIGURA 2. NÍVEIS DA PARTICIPAÇÃO PORTUGUESA NA FAIXA E ROTA

Fonte: Elaborado pelo autor.



Em 2018, o ministro português da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior manifestou interesse em estabelecer parcerias com a Índia e a China no âmbito do programa espacial português (Exame Informática, 2018).

Enquanto a Rota da Seda Digital se encontra claramente presente em território nacional, a Rota da Seda Espacial permanece circunscrita a uma iniciativa concreta e a algumas manifestações de interesse.

Apesar de Portugal e do Governo Regional dos Açores avançarem com o desenvolvimento de uma base de lançamento de pequenos satélites na ilha de Santa Maria e do interesse indiretamente revelado pela China, acabou por não se verificar qualquer tipo de envolvimento chinês com esta iniciativa – persistindo as demonstrações de interesse de ambos os lados.

O STARLab, em concreto, constitui uma forma concreta de envolvimento com a dimensão espacial da Faixa e Rota, mas não sendo suficiente para demonstrar a participação portuguesa na Rota da Seda Espacial. O caso dos Açores, por sua vez, revela as aproximações e os interesses de ambas as partes.

Existe, assim, um envolvimento limitado que é usado por Portugal como promotor do desenvolvimento de infraestruturas com potencial económico e de inovação. Uma vez mais, a relação com a China é mobilizada como uma forma de abrigo, permitindo a Portugal mitigar os constrangimentos associados à sua condição de pequeno Estado. Neste sentido, o envolvimento limitado com iniciativas associadas à Rota da Seda Espacial representa uma oportunidade para reforçar a credibilidade internacional portuguesa, não apenas através do aumento da sua capacidade de inovação, mas também do posicionamento do país como um ator relevante na exploração espacial e na governação global do espaço exterior.

Contudo, o envolvimento de Portugal na Rota da Seda Espacial, se aprofundado, pode comportar determinados riscos. Embora iniciativas como o STARLab permaneçam ativas e o interesse chinês pelos Açores persista, não se registaram desenvolvimentos significativos nos últimos anos. Esta aparente estagnação poderá ser atribuída à pressão exercida pelos aliados ocidentais, refletindo as preocupações verificadas relativamente aos investimentos digitais, a uma perceção acrescida do risco por parte do Governo português ou, simplesmente, a uma combinação de fatores que conduziu à perda de prioridade desta questão na agenda política nacional, incluindo a curta duração dos sucessivos governos nos últimos anos.

Conclusão

Embora Portugal não tenha aderido formalmente à Rota da Seda Digital nem à Rota da Seda Espacial, existem dinâmicas que evidenciam a presença de ambas as iniciativas no país. Essa presença assume, porém, intensidades distintas. Enquanto a Rota da Seda Digital se encontra claramente presente em território nacional, a Rota da Seda Espacial permanece circunscrita a uma iniciativa concreta e a algumas manifestações de interesse. Conclui-se, assim, que Portugal participa efetivamente na primeira, apesar da ausência de uma adesão formal; em contraste, não integra propriamente a segunda, embora mantenha um envolvimento limitado com iniciativas que lhe podem ser associadas. Esta distinção decorre sobretudo da densidade e continuidade da cooperação, sendo que, ao contrário do que se verifica no domínio digital, na dimensão espacial o envolvimento português permanece concentrado num número reduzido de iniciativas cujos resultados não são suficientemente amplos para que se possa falar numa participação efetiva.

O envolvimento de Portugal com estas dimensões da Faixa e Rota decorre de motivações essencialmente económicas, permitindo-lhe ultrapassar as limitações decorrentes da sua condição enquanto pequeno Estado. Ao beneficiar da experiência tecnológica e dos investimentos chineses, Portugal pode acompanhar os avanços tecnológicos e a inovação a nível global. Reforça-se, assim, a possibilidade de Portugal acompanhar algumas das dinâmicas políticas internacionais emergentes e procurar afirmar-se nos debates sobre governação digital e espacial.

Não obstante, e ainda que o país ainda não tenha enfrentado ameaças significativas à sua segurança em resultado do envolvimento em qualquer uma destas iniciativas, os investimentos de empresas tecnológicas chinesas, em particular da Huawei, podem representar riscos para a segurança e a soberania digital portuguesas. O facto de tais riscos ainda não se terem materializado sugere que a China encara Portugal mais como parte da sua estratégia global de contrabalançar a hegemonia norte-americana do que como um alvo direto de exploração.



Neste sentido, e embora Portugal procure reforçar a sua parceria com a China, tem de continuar a gerir cuidadosamente a sua relação com os EUA e respeitar os seus compromissos euro-atlânticos. Portugal deve manter abertura ao aprofundamento da cooperação com a China, mas assegurando as salvaguardas necessárias à preservação da sua autonomia e soberania e à manutenção da sua relação com os EUA. À luz destas conclusões, os decisores políticos devem manter-se vigilantes e assegurar a existência de mecanismos robustos capazes de impedir o acesso chinês a dados sensíveis e o controlo de infraestruturas críticas, uma vez que tal poderia proporcionar a Beijing instrumentos de coerção ou manipulação. Ao mesmo tempo, é essencial continuar a ponderar os benefícios e os riscos da cooperação com a China, não apenas do ponto de vista económico e comercial, mas também numa perspetiva geopolítica e diplomática. ●

<https://doi.org/10.26619/2183-4822.2026.CJ.16>

Nota

¹ Este artigo corresponde a uma adaptação de Silva, F. 2025. Portugal in China's Digital and Space Silk Roads. *Foro Internacional*. 66, 2 (Nov. 2025), 277–311.

Referências

- Ahmed, F.; Lambert, A. (2022). *The Belt and Road Initiative: Geopolitical and Geoeconomic Aspects*. Routledge.
- Assef, N. A. (2018). *China's Control of the Heavens: An Overview of the Rapidly Developing Space Silk Road*. SSRN. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3176348
- Cheney, C. (2019). China's Digital Silk Road: Strategic Technological Competition and Exporting Political Illiberalism. *Issues & Insights Working Paper*, 19(8), 1–23. https://pacforum.org/wp-content/uploads/2019/08/issuesinsights_Vol19-WP8FINAL.pdf
- Chinese Academy of Sciences (2021). *China-Portugal STARLab Expands Belt and Road Initiative Technology Cooperation Network*. 22.12.2021. https://english.cas.cn/newsroom/news/202112/t20211222_294824.shtml
- Chung, C. (2023). China's Digital Silk Road. *East Asian Policy*, 15(02), 123–137. <https://doi.org/10.1142/S1793930523000168>
- Data Center Dynamics (2024). Cabo 2Africa chega em Carcavelos, Portugal. *Data Center Dynamics*, 15.03.2024. <https://www.datacenterdynamics.com/br/not%C3%ADcias/cabo-2africa-chega-em-carcavelos-portugal/>
- Department of Regional Opening-up (2016). 国防科工局 发展改革委关于加快推进“一带一路”空间信息走廊建设与应用的指导意见. https://www.ndrc.gov.cn/fzggwj/gjsj/kfs/sjdt/201611/t20161123_1086163.html
- Dinheiro Vivo (2021). Projeto Augmanity quer tornar Portugal centro da Indústria 4.0 com Bosch, IKEA e Huawei. *Dinheiro Vivo*, 03.04.2021. <https://dinheirovivo.dn.pt/projeto-augmanity-quer-tornar-portugal-centro-da-industria-40-com-bosch-ikea-e-huawei-13527060.html>
- ECO (2019). CTT entregam 420 mil encomendas do Singles' Day da China em Portugal. *ECO – Economia Online*, 14.11.2019. <https://eco.sapo.pt/2019/11/14/ctt-entregam-420-mil-encomendas-do-singles-day-da-china-em-portugal/>
- Exame Informática (2018). Ministro da ciência quer parcerias com Índia e China para programa espacial português. *Exame Informática*, 28.05.2018. <https://visao.pt/exameinformatica/noticias-ei/mercados/2018-05-28-ministro-da-ciencia-quer-parcerias-com-india-e-china-para-programa-espacial-portugues/>
- Expresso (2014). Presidente chinês de visita aos Açores durante oito horas. *Expresso*, 16.06.2014. <https://expresso.pt/politica/presidente-chines-de-visita-aos-acores-durante-oito-horas-f881464>
- Ghiassy, R.; Krishnamurthy, R. (2020). *China's Digital Silk Road: Strategic Implications for the EU and India*. Special Report #208, Institute Of Peace & Conflict Studies & Leiden Asia Centre. https://www.ipcs.org/issue_select.php?recNo=6153
- Global Times (2015). Nation considers space-based 'Silk Road of satellites' to provide data services. *Global Times*, 31.05.2015. <https://www.globaltimes.cn/content/924600.shtml>
- Hemmings, J. (2020). Reconstructing Order: The Geopolitical Risks in China's Digital Silk Road. *Asia Policy*, 15(1), 5–21. <https://doi.org/10.1353/asip.2020.0002>
- Huawei (2015). Huawei Marine and the WACS Consortium Complete Upgrades to 11,450 km Submarine Cable System with Advanced 100G Solution. *Huawei*, 11.08.2015. https://www.huawei.com/en/news/2015/08/hw_449978
- Hussain, F.; Hussain, Z.; Khan, M. I.; Imran, A. (2024). The digital rise and its economic implications for China through the Digital Silk Road under the Belt and Road Initiative. *Asian Journal of Comparative Politics*, 9(2), 238–253. <https://doi.org/10.1177/20578911231174731>
- Jornal de Negócios (2019). Portugal multiplica por 64 transações via Alipay na primeira semana de outubro. *Jornal de Negócios*, 08.10.2019. <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/tecnologias/detalhe/portugal-multiplica-por-64-transacoes-via-alipay-na-primeira-semana-de-outubro>
- Jornal de Negócios (2024). Plataforma online Miravia, criada pela Alibaba, estreia-se em Portugal. *Jornal de Negócios*, 04.12.2024. <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/comercio/detalhe/plataforma-online-miravia-criada-pela-alibaba-estrea-se-em-portugal>
- Jornal de Notícias (2016). Primeiro-ministro chinês faz 'escala técnica' de dois dias nos Açores. *Jornal de Notícias*, 26.09.2016. <https://www.jn.pt/local/noticias/acores-grupo-central/prai-da-vitoria/ministro-chines-faz-escala-tecnica-de-dois-dias-nos-acores-5409528.html>
- Jornal Económico (2023). Governo afasta empresas chinesas das redes 5G nacionais. 26.05.2023. *Jornal Económico*. <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/governo-afasta-empresas-chinesas-das-redes-5g-nacionais/>
- LUSA (2019a). Costa recusa 'protecionismos' e lembra acesso da Huawei à Alemanha e ao Reino Unido. *Observador*, 19.03.2019. <https://observador.pt/2019/03/19/costa-recusa-protecionismos-e-lembra-acesso-da-huawei-a-alemanha-e-ao-reino-unido/>
- LUSA (2019b). Pompeo adverte contra Huawei, Portugal assegura atenção à segurança nacional. *Expresso*, 05.12.2019. <https://expresso.pt/politica/2019-12-05-Pompeo-averte-contr-Huawei-Portugal-assegura-atencao-a-seguranca-nacional>
- Mujtaba, H.; Chohan, U. W. (2021). *The Space Silk Road (SSR): An Avenue for China-Pakistan Space Cooperation* (pp. 4–32). CASS Working Paper, Centre for Aerospace & Security Studies. <https://casstt.com/the-space-silk-road-ssran-avenue-for-china-pakistan-spacecooperation/>
- NDRC (2015). *Vision and Actions on Jointly Building Silk Road Economic Belt and 21st-Century Maritime Silk Road*. https://www.fmprc.gov.cn/eng/topics_665678/2015zt/xjpcxbayzl2015nnh/201503/20150328_705553.html
- Portal do Governo (2016). Visita do Primeiro-Ministro à China termina com acordos nas tecnologias da informação e comunicação. *Portal Do Governo*, 12.10.2016. <https://portugal.gov.pt/gc21/comunicacao/noticias/20161012-pm-china>
- Portal do Governo (2018). Declaração conjunta e acordos assinados na visita de Estado do Presidente da República Popular da China. *Portal Do Governo*, 05.12.2018. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/documento?i=declaracao-conjunta-e-acordos-assinados-na-visita-de-estado-do-presidente-da-republica-popular-da-china>
- Rádio Renascença (2020). NOS, Altice e Vodafone não usam Huawei na rede 'core' 5G, apesar de Governo não banir operadora chinesa. *Rádio Renascença*, 30.07.2020. <https://rr.sapo.pt/noticia/economia/2020/07/30/nos-altice-e-vodafone-nao-usam-huawei-na-rede-core-5g-apesar-de-governo-nao-banir-operadora-chinesa/202018/>
- Reuters (2024). New Portuguese government to keep ban on Chinese 5G equipment. *Reuters*, 10.09.2024. <https://www.reuters.com/technology/cybersecurity/new-portuguese-government-keep-ban-chinese-5g-equipment-2024-09-10/>
- SAPO Tek (2018). Alipay chega a Portugal à boleia do Millennium BCP. *SAPO Tek*, 23.03.2018. <https://tek.sapo.pt/noticias/negocios/artigos/alipay-chega-a-portugal-a-boleia-do-millennium-bcp>
- Shahbaz, A. (2022). The Digital Silk Road and normative values. In D. Gordon & M. Nouwens (Eds), *The Digital Silk Road: China's Technological Rise and the Geopolitics of Cyberspace* (pp. 107–130), Routledge.
- União Europeia (2019). *Commission Recommendation on Cybersecurity of 5G Networks*, Pub. L. No. 2019/534, L88 Official Journal of the European Union 42. <http://data.europa.eu/eli/reco/2019/534/oj>
- Universidade de Aveiro (2021). UA, Huawei e IT inauguram laboratório de 5G e Inteligência Artificial. *Universidade de Aveiro*, 12.11.2021. <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/71824>
- Xinhua (2025). Temu amplia serviço de entrega em Portugal em parceria com os CTT. *Xinhuanet*, 13.03.2025. <https://portuguese.xinhuanet.com/20250313/014e892de5ee40a4b40eb42fad082817c.html>